

Portas do inferno

Rubem de Azevedo Lima

Sobre as ondas tranqüilas e talvez por inspiração de algumas das três mil Oceânides, aquelas ninfas da mitologia grega que vivem no mar — quem sabe se não foram as mesmas que consorciaram “Prometeu Acorrentado”? — o presidente Fernando Collor; a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello; e o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, procuraram divulgar, no primeiro dia de 1991, durante passeio marítimo em Angra dos Reis, mensagens de otimismo aos brasileiros, através de inscrições em suas camisetas.

O Presidente, já freguês desse tipo de comunicação, lembrou que a paciência é a ciência da paz. E paz, para os brasileiros, preocupados com a perspectiva de recessão, talvez seja o fim da inflação e a retomada do desenvolvimento. Zélia e Eris, neófitos no assunto, limitaram-se, vaga e laconicamente, a colocar, em suas camisas de praia, a inscrição 1991-Esperança. Queira Deus que não seja uma data obitúria.

De qualquer forma, os três não poderiam escolher ambiente mais apropriado para a divulgação de suas mensagens, pois o mar, generosamente, sempre apaga os vestígios deixados pelos humanos em suas praias.

Mas, no caso da comunicação presidencial, e considerando-se a persistência do monstro da inflação, é de se indagar: até quando haverá paciência, no País, diante do crescimento, mês a mês, da taxa inflacionária? Em matéria de ditos que se pretendem paradigmáticos, praticamente não há político brasileiro escolarizado que ignore os limites da paciência, lembrados por Cícero,

ao denunciar as maquinações de Catilina, contra a república romana. De mais a mais, paciência é uma virtude que costuma acabar quando mais se precisa dela.

Em termos políticos, melhor teria sido, para o Presidente, que ele, em vez de apelos retóricos, pudesse colocar em sua camiseta apenas alguns números, como, por exemplo, cifras relativas à inflação do mês, inferiores aos 19,36% de dezembro último.

Quanto às mensagens idênticas da ministra e do presidente do Banco Central, tem-se a impressão de que elas não poderiam ter sido mais mal escolhidas. A esperança, já disse alguém, pode ser boa companheira de viagem, mas é péssima guia. Além do mais, trata-se de virtude que também foi explorada pelos poetas latinos como símbolo da reação natural dos naufragos, que, em alto-mar, mesmo sem verem terra no horizonte, se agitam de maneira inútil, para se salvarem da morte inexorável. Portanto, a esperança é o único remédio com que se enganam os condenados.

Os brasileiros dizem isso de modo mais simples: a esperança é a última que morre. Assim, ao verem agora os responsáveis pela economia pedirem que tenham esperança, é natural, portanto, que comecem a achar que a ciência econômica já não tem o que fazer pelo Brasil. A recessão e a inflação de 20% ao mês são indícios infernais. E, à entrada do inferno — caminho que mesmo os piores políticos sempre evitam —, todos sabem o que está escrito: “Deixai toda esperança, vós que entraís”.